

É Cadê o P. Nacional?

RUBEM AZEVEDO LIMA

CORREIO BRAZILIENSE

Enganos, mágicas e dentes

8 SET 1997

O presidente Fernando Henrique deve desconfiar das intenções e verdades de quantos, no país ou no exterior, começam a fazer previsões categoricamente otimistas, sobre o pleito presidencial de 1998, julgando-o imbatível nas urnas.

Não há quem não saiba, entre nós, que, após a volta aos pleitos diretos, os candidatos presidenciais, favoritos a um ano das eleições, nunca se elegeram. Na sucessão de Sarney, Lula e Brizola eram os favoritos. O vencedor, no entanto, foi Collor, que tinha menos de 3% das preferências nas primeiras pesquisas. Na sucessão de Itamar — vice de Collor, então impedido — Lula era de novo o favorito, mas elegeu-se FHC, que tinha menos de 5% nas pesquisas iniciais.

Agora, o semanário *The Economist* anuncia, com “precisão” surpreendente, a treze meses do pleito, que FHC derrotará Lula: terá 38% dos votos em 1998. Só não diz que tal cifra implicará a realização de um segundo escrutínio presidencial.

A revista não é boa em previsões. Ao começar o último ano do governo Salinas, no México, ela elogiou a modernização econômica mexicana, prevendo seu “êxito auto-

sustentável”. “O país — disse — mudou depois que Salinas revigoreu a economia, com um ousado programa de reformas e de livre comércio, pondo-o no clube dos ricos” (6.11.93).

Participaram desse festival de erros a Wall Street, o Banco Mundial e o FMI. Camdessus chamou Salinas de “governante modelo”. Larry Summer, do Tesouro dos EUA, jurou que o México (*The Economist*, 10.12.94) “fora salvo do desastre porque Salinas impedira a evasão do capital especulativo que estava no país.”

Quando o México faliu, devido a fatores preexistentes — que a revista fingira não ter visto — ela se justificou (7.1.95): “O país tinha alto déficit em contas correntes. O peso estava supervalorizado em relação ao dólar. A abertura do mercado mexicano às importações causou a falência de milhares de pequenas e médias empresas. Além disso, o capital especulativo desapareceu(!) às pressas. O México ficara muito dependente dos especuladores(!), ao contrário dos tigres asiáticos, como a Tailândia(!), que recebera investimentos reprodutivos.” Viram? No final, a revista diz que a solução para o problema da falência do Méxi-

co seria “a privatização de suas gigantescas centrais elétricas e da Pemex.”

A estatal do petróleo foi hipotecada aos EUA para garantir a ajuda externa de US\$ 40 bilhões, metade da qual se destinou a cobrir prejuízos dos especuladores americanos. Só faltou a revista explicar, satisfatoriamente, a crise recente da Tailândia e a incoerência que cometera ao falar desse país, em 1995.

Quem mostrou o real “milagre do México”, antes de sua falência em dezembro de 1994, foi o economista John Ross: “25 mexicanos ficaram bilionários e 15 milhões, miseráveis”. Quando Ross revelou isso (*The Nation*, 8.8.94), o país tinha mais empregos do que hoje; era dono da Pemex e nele não havia doenças como o sarampo e a lepra, males típicos da miséria que a globalização semeia nos países cujos governos seguem a receita do FMI: privatização, austeridade econômica e continuidade política. Tudo isso ajudou a criar o jornalismo panglossiano da mídia eletrônica e gerou a mágica da reeleição na cartola, produtora também do aumento de dentaduras virtuais para o número de desdentados reais, que sobe sem parar.